

UM OLHAR *FLÂNEUR* SOBRE A CIDADE LITERÁRIA EM “*SATOLEP*”

Luciana Pastorini Urbim (FURG)

“O escrito é como uma cidade, para o qual as palavras são mil portas”.

Walter Benjamin

Literatura e cidade, arte e espaço, realidade e ficção, história e imaginário, são todos eixos que compõem este mosaico que se mostra agora. A partir destes fragmentos, através desta pesquisa, busca-se dar forma a algo que construa um sentido maior, árdua tarefa de todo pesquisador/ historiador, ou que apenas suscite uma indagação, sem resposta definitiva em vista. O que importa é o caminho, é o andar, o flunar. O ponto de partida, mais do que o de chegada. E o ponto de partida aqui é “*Satolep*”, esta cidade imaginária, criação ficcional de Vitor Ramil, que ao longo de sua carreira criou esta cidade ao qual denominou *Satolep* como anagrama de Pelotas, sua cidade natal. Referenciando a própria realidade, recriando-a e fazendo-a universal, como já conclamava Tolstói: “Se queres ser universal, escreve sobre a tua aldeia”.

Nela o artista ambientou alguns de seus trabalhos, seja na música ou nas letras. Dando margem à imaginação, a criação de um lugar inexistente, ainda que inspirado em uma cidade real. Pois “a imaginação não é, como sugere a etimologia, a faculdade de formar imagens da realidade; é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que cantam a realidade”, nos fala Bachelard. (2008, p. 18).

Esta *Satolep* criada pelo artista, misto de espelho e ilusão da cidade original, a cantar sua realidade, desponta como inspiração para alguns de seus mais importantes trabalhos, que em conjunto, dão forma a *Estética do Frio*, conceito criado e desenvolvido por Ramil desde a década de 90 que também dá título a um ensaio escrito por ele. Esta “*Satolep*” que ressurge na obra de mesmo nome, lançada pelo autor em 2008, pela editora Cosac Naify. Segundo livro em sua carreira literária.

Evidencia-se desta forma a relação da cidade com a obra de Ramil, o que na literatura vai culminar no romance “*Satolep*”. Obra que elege a cidade a ocupar um espaço além do de pano de fundo e ambientação da narrativa. *Satolep* constrói-se como uma personagem e desempenha fundamental papel no desenvolvimento da trama. “Siga as pistas que a cidade lhe dá” (RAMIL, 2008, p. 46), alerta o narrador.

A partir da leitura dos textos de Walter Benjamin sobre o poeta Baudelaire e sua relação com a cidade de Paris, busca-se transfigurar a imagem do *flâneur* para dentro do universo ficcional de outro escritor que, a semelhança do francês, também parece revelar em sua obra uma nítida influência do meio onde ele vive, espaço que acaba refletido em sua obra.

Baudelaire, como aponta Benjamin, percebeu em meados do século XIX, que algo novo começava a moldar-se no horizonte da arte: a relação do artista com o espaço urbano, recém-criado ambiente, fruto das conquistas industriais que dava a cidade aspectos de um futuro que chegou rápido demais. E este novo mundo pedia um novo olhar, urgente e necessário para este também novo homem, para que assim ele buscasse se entender frente a tantas transformações. A fotografia é um desses novos olhares que surge com a modernidade. Mas antes dela, Baudelaire evidenciou um novo olhar que surgia entre a multidão: o *flâneur*. Aquele que, segundo Benjamin, “vê a cidade sem disfarces” (BENJAMIN, 2000, p.56). A cidade que representa “seu templo, seu local de culto (...) o verdadeiro lugar sagrado da *flânerie*” (ROUANET, 1992, p.50), arte de flunar percorrendo os sentidos da cidade. O *flâneur* é considerado o “alegorista da cidade, detentor de todas as significações urbanas, do saber integral da cidade, do seu perto e do seu longe, do seu presente e do seu passado”. (ROUANET, 1992, p.50).

observador, *flâneur*, filósofo, chamem-no como quiserem, mas, para caracterizar esse artista, certamente seremos levados a agraciá-lo com um epíteto que não poderíamos aplicar ao pintor das coisas eternas, ou pelo menos mais duradouras, coisas heróicas ou religiosas. Às vezes ele é um poeta; mais frequentemente aproxima-se do romancista ou do moralista; é o pintor do circunstancial e de tudo o que este sugere de eterno. (BAUDELAIRE, 1997, p. 14).

Baudelaire não apenas expressava em seus poemas as vivências da *flânerie*, como também teorizava a respeito deste personagem, percebido por ele em meados do século XIX. O poeta via o *flâneur* como um “observador apaixonado” das cidades e das multidões que as compõem, um olhar sobre a vida ordinária possibilitado pela modernidade:

Pode-se igualmente compará-lo a um espelho tão imenso quanto essa multidão; a um caleidoscópio dotado de consciência, que, a cada um de seus movimentos, representa a vida múltipla e o encanto cambiante de todos os elementos da vida. É um *eu* insaciável do *não-eu*, que a

cada instante o revela e o exprime em imagens mais vivas do que a própria vida, sempre instável e fugida. (BAUDELAIRE, 1997, p.21).

A figura do *flâneur* nos convida a desviar nosso olhar para um outro tempo, para o tempo da poesia, ato tão vital ao indivíduo. Seja no século XIX ou na atualidade do século XXI, em que se faz maior esta necessidade. Lançar um olhar atento sobre o mundo, sobre nós, sobre a vida. E também sobre a cidade, como símbolo destes universos.

Mas voltamos ao autor analisado em questão, o gaúcho Vitor Ramil, escritor e compositor, natural de Pelotas, extremo sul do Brasil. E é nesta Satolep criada por ele, elevada a sua aura mítica, que surge o protagonista Selbor. Fotógrafo em início de carreira que retorna a sua cidade natal depois de um longo período ausente, retorno que coincide com seu aniversário de trinta anos. Nascido em Satolep, Selbor volta a sua cidade natal como que atraído por um estranho chamado, em busca de algumas respostas que poderão o ajudar a entender melhor seus caminhos e reafirmar sua identidade, na tentativa de preencher alguns espaços vazios de seu passado.

Satolep é magia... eu olhava a rua... as pessoas lá fora abriam caminho no resto de luz avermelhada do fim de tarde. Embora seu ritmo fosse acelerado, eu as observava com tanta avidez, que pareciam estar andando devagar. Eram em grande número, mas a luminosidade resta espessa entre elas. Homens enérgicos, concisos, vítreos; mulheres plásticas, nítidas, verticais. O frio os delineava. (RAMIL, 2008, p.26).

Ao perambular pelas suas ruas, como um estranho a tentar apreender a realidade do entorno, Selbor torna-se o típico *flâneur* urbano a andar a esmo e captar recortes do mundo da cidade. A relação interior e exterior funde-se, uma completa-se na outra, complementam-se. Há um preenchimento a cada captura fotográfica, como se tais imagens da cidade trouxessem explicações que vão ao encontro dos anseios existenciais de Selbor. Através da máquina fotográfica ele olha o mundo e busca compreendê-lo. E na rede de fotografias que acaba por construir em torno de si, busca entender a sua própria trajetória de vida: “lancei-me na afluência dessas ruas e nelas fiz meu aprendizado”, nos conta o fotógrafo. (RAMIL, 2008, p.51).

Um fato inusitado o lança em uma misteriosa jornada em busca de sentidos, em uma constante andança por Satolep tentando registrar fragmentos que o ajudarão a compor a elucidação deste estranho jogo em que ele se vê envolvido.

a embriaguez anestésica com que o *flâneur* passeia pela cidade não se nutre apenas do que está sensorialmente sob seus olhos, mas se apropria, também, do saber contido nos dados mortos, como se eles fossem algo de experimentado e vivido. (BENJAMIN apud ROUANET, 1992, p.50).

A figura do fotógrafo como observador da urbe e de seus espaços, transeuntes e representações leva o leitor a percorrer Satolep além de suas ruas e fachadas. Permite que o universo íntimo da cidade seja adentrado e seus mistérios revelados. Para tal ele conta com a ajuda de ilustres figuras da história de Pelotas que ajudaram a construir o imaginário da cidade. Transpostas para Satolep elas atuam de forma decisiva no destino do protagonista: João Simões Lopes Neto e Lobo da Costa são alguns dos “guardiões” de um legado que chega a Selbor. Servindo de conselheiros e apontando caminhos a ele por entre a cidade e sua história. Ambos, considerados grandes expoentes literários da real Pelotas, guardam em suas histórias de vida fundamentais lições sobre o passado e sobre as escolhas do presente, vividas por Selbor. Passado e presente andam juntos, não de forma linear, mas a se encontrar e se desencontrar por entre os caminhos de Satolep.

É impossível determinar um período real para os acontecimentos do livro, fato que remete a epígrafe da obra: “dispersei-me no tempo cuja ordem ignoro”. A narrativa ora se passa em 1916 (ano da morte de Simões Lopes), ora em 1941 (data da grande enchente que assolou a região). A verossimilhança cronológica não parece importante frente ao tempo interno do personagem. A circularidade do tempo fica clara ao longo dos acontecimentos, o que dá a narrativa ares de um realismo fantástico, em um tempo que se desloca continuamente, ciclicamente.

Segundo Gaston Bachelard, na profundidade do ser do sonhador “o tempo já não tem ontem nem amanhã” (2009, p.166). “O devaneio coloca o sonhador fora do mundo próximo, diante de um mundo que traz o signo do infinito” (2008, p.189). Sendo assim, pode-se dizer que o devaneio do *flâneur* o conduz para “um tempo desaparecido” (ROUANET, 1992, p.50), como aponta Benjamin, um tempo cronologicamente inalcançável. Um verdadeiro “destempo” que representa, na verdade, o tempo subjetivo de cada indivíduo, o tempo de cada um no processo de descobrir-se; processo permeado pela presença da cidade. E como expõe um dos personagens do livro: “Dê-se tempo. Faça-se e deixe-se fazer (...) nascer leva tempo”. (RAMIL, 2008, p.77).

O homem do devaneio banha-se na felicidade de sonhar no mundo (...)
A correlação do sonhador ao seu mundo é uma correlação forte. É
esse mundo vivido pelo devaneio que remete mais diretamente ao ser

do homem solitário. O homem solitário possui diretamente os mundos por ele sonhados. Para duvidar dos mundos do devaneio, seria preciso não sonhar, seria preciso sair do devaneio. O homem do devaneio e o mundo do seu devaneio estão muito próximos, tocam-se, compenetraram-se. Estão no mesmo plano do ser; se for necessário ligar o ser do homem ao ser do mundo, o *cogito* do devaneio há de enunciar-se assim: eu sonho o mundo; logo, o mundo existe tal como eu o sonho. (BACHELARD, 2009, p. 152).

O PASSADO PRESENTE NO INSTANTE DE AGORA

O passado conservando o sabor do fantasma, recuperará a luz e o movimento da vida, e se tornará presente.

(Charles Baudelaire)

A leitura de “*Satolep*” nos leva a perceber o espaço além de mera ambientação, de pano de fundo de uma narrativa. Nos leva a olhar a cidade como corpo simbólico, como entidade a dizer-nos tanto quanto as palavras do texto em si. A observar a construção de suas imagens, seus símbolos, e escutar tudo aquilo que ela nos fala. “Aprende a ver”, fala repetidamente o narrador ao longo do livro. “Poucos homens são dotados da faculdade de ver; há ainda menos homens que possuem a capacidade de exprimir”, afirmava Baudelaire. (BAUDELAIRE, 1997, p.23).

Mas além de aprender a ver é também preciso aprender a ouvir o que fala o espaço, aprender a ler a cidade e assim buscar a possibilidade de “apreender” e expressar sua essência. Para a historiadora Sandra Pesavento, “é possível a legibilidade de uma cidade, lendo-a como um texto e oferecendo tantas leituras quanto aquelas que um texto proporciona” (1994, p.135). E a cidade literária o faz duplamente, através do texto e das suas representações ficcionais.

A literatura está repleta de cidades-personagens como a “Macondo” de Gabriel García Márquez, a Santa Fé de Erico Veríssimo, etc. Construções ficcionais de ambientações tão imprescindíveis à narrativa quanto os próprios personagens. Mais do que mero palco, o lugar em que atuam torna-se parte de suas vivências, mescla-se com suas naturezas. Cidades que surgem como uma criação imaginária, mesmo quando baseadas no mundo real mostram-se como frutos da imaginação do autor, de sua leitura particular de perceber a realidade. Entre elas desponta “*Satolep*”.

Pesavento lança um olhar sobre o tema e coloca a cidade construída ficcionalmente como um elo entre história e arte. Através de sua representação literária podemos adentrar seu mais profundo conteúdo, acessar do que é feita: memórias,

resquícios, fragmentos de um imaginário local evocado pelo escritor. Para Pesavento, as cidades imaginárias são como:

construções mentais e simbólicas elaboradas pela literatura sobre realidades urbanas. Estas urbes transfiguradas, desejadas ou temidas, verossímeis ou fantásticas, que apontam para outros mundos, os dos sonhos e pesadelos, constituem uma forma de leitura sensível da realidade. (PESAVENTO, 2009, p.2).

Desta forma, Satolep pode ser compreendida como uma grande metáfora resultante da criação mágica que reúne elementos da história da cidade de Pelotas, seus símbolos, bem como grandes vultos que marcaram o legado de uma cultura, expoentes de suas belezas e agruras. Como uma pintura, Satolep aparece incorporando o espírito de uma cidade e tudo que anima e alimenta seu imaginário: suas ruas, seus edifícios, suas praças, seus símbolos materiais, ainda existentes ou não, mas permanentes em sua memória. Bem como busca incorporar também sua aura, sua bruma, sua magia. Que somente aquele que percorre as intimidades da cidade pode encontrar.

O *flâneur*, segundo Benjamin não possui somente a cidade a sua disposição, mas também sua história: “ele despreza a história convencional que afasta do concreto, mas fareja na história a cidade e a cidade na história” (ROUANET, 1992, p.50). O que remete mais uma vez a esta imbricação homem-cidade, em que se diluem as fronteiras da história individual com a história do coletivo representada pelo espaço urbano. “Por que ser grato à cidade, então?” nos questiona o personagem para mais adiante nos dar ele mesmo a resposta: “por tudo que a cidade realizou em mim” (RAMIL, 2008, p.55).

Há algo na umidade desta fantasmagórica Satolep que dialoga com seu passado e alimenta-se dele como inspiração; segredos que a cidade conta em suas esquinas, basta saber ouvir. Mistérios revelados ao nascer do dia que trazem à luz sua importante imagem assim como todos os que ajudaram a construí-la. Valorizando sua história mais do que como registro, mas como marca identitária. Resgatando sua gênese como ferramenta na tarefa de descoberta do indivíduo, representado na obra por Selbor. Mostrando assim como precisamos recuperar nossas histórias, nossas memórias, nossos ancestrais para melhor compreendermos quem somos e do que somos feitos: sonhos sonhados por alguém do passado a despertar novos sonhos. E assim “as coisas renascem no papel, naturais e, mais do que naturais, belas; mais do que belas, singulares e dotadas de uma vida entusiasta como a alma do autor. A fantasmagoria foi extraída da natureza” (BAUDELAIRE, 1997, p.24).

Diante disso, surge a necessidade de aprender a ver a cidade tão buscada por Selbor. Ver a cidade como legado vivo, como entidade transmissora e transformadora sobre quem a habita. Neste sentido, é a cidade que evidencia a realidade, a experiência percebida, vivenciada. Como Benjamin a retrata ao falar da obra de Baudelaire: “a aparição que fascina o poeta, longe de lhe ser subtraída pela multidão, só através desta lhe será entregue”. (BAUDELAIRE, 1997, p.42). É através da cidade que se dão as experiências do fotógrafo e é ela que permite a construção da narrativa e seus desdobramentos. Evidenciando na obra o papel desempenhado pelo espaço.

Gaston Bachelard dá margem à percepção do lugar como ambiente em que se desenvolve a configuração do universo literário, como um tipo de amplificação simbólica do mundo. O filósofo percebia o espaço como “instrumento de análise para a alma humana” (2008, p.20). Em sua obra “A poética do espaço” concebe cada lugar como uma importante imagem simbólica a ser decodificada. Se podem os espaços da casa, por exemplo, representarem um caminho para compreender a alma humana, a cidade também constituiria um espaço capaz de revelar a alma de seus habitantes. Como extensão de suas casas. Olhar para ela pode ajudar-nos a conhecer mais de suas almas e por que não dizer da alma da própria cidade? “Eu sonho o mundo; logo, o mundo existe tal como eu o sonho”, afirma o filósofo. (2009, p.152) Sendo assim a cidade é resultado deste universo sonhado por seu observador.

quando um sonhador de devaneios afastou todas as preocupações que atravancavam a vida cotidiana, quando se apartou da inquietação que lhe advém da inquietação alheia, quando é realmente autor da sua solidão, quando, enfim, pode contemplar, sem contar as horas, um belo aspecto do universo, sente, esse sonhador, um ser que se abre nele. De repente ele se faz sonhador do mundo. Abre-se para o mundo e o mundo se abre para ele. Nunca teremos visto bem o mundo se não tivermos sonhado aquilo que víamos. (BACHELARD, 2009, p.165)

Maffesoli, seguidor do legado de Bachelard e Durand, defende que a cidade é uma experiência sensorial, afetiva. Detentora de impressões que a formam e são formadas por ela. Para Maffesoli, “intuir é ver dentro. Em uma rápida olhada é possível ver o interior das coisas. A compreensão íntima dos objetos se realiza na relação com a vida cotidiana. São os poetas e os artistas, os que têm essa intuição”. (MAFFESOLI, 2008, p.5).

Diante da obra de Benjamin e da figura do *flâneur* alguns intelectuais como Rouanet, buscaram a resposta frente a seguinte questão: “É a cidade que habita os

homens ou são eles que moram nela?”. Ou seja, somos nós que habitamos a cidade ou é a cidade que nos habita? Ramil parece tentar responder algumas destas questões através da literatura, com seu romance “*Satolep*”. Fruto da fusão poeta-cidade, a obra revela em suas passagens a concretização do imaginário urbano e seu impacto na formação do olhar de quem tenta ler a cidade.

Frente a essas questões podemos refletir sobre o papel do espaço dentro da obra literária e repensar a questão da cidade como representação simbólica do imaginário urbano. E assim, buscar identificar o papel do urbano na construção do imaginário e em sua representação literária, resignificando sua função narrativa e sua importância na construção de sentidos da obra. Com este trabalho pretende-se adentrar esta cidade de papel e tentar vê-la por dentro. Percorrer suas ruas feitas de palavras, seus edifícios de metáforas e flunar por entre suas entrelinhas. E desta forma, seguir o conselho do poeta: “contempla as paisagens da cidade grande, paisagens de pedra acariciadas pela bruma ou fustigadas pelos sopros do sol” (BAUDELAIRE, 1997, p.22).

CONSIDERAÇÕES ENTREABERTAS...

O presente trabalho buscou adentrar o universo ficcional criado por Vitor Ramil em “*Satolep*” e identificar a relação entre a cidade e o personagem protagonista, o fotógrafo Selbor. Partindo da abordagem de Walter Benjamin sobre o *flâneur*, buscou-se traçar paralelos e assim inserir o conceito na obra literária em questão. Analisando a importância do espaço criado pelo autor bem como seus simbolismos, postos como elemento central da trama, que desempenham uma estratégia narrativa não apenas de ambientação, mas também de dispositivo frente a iminência dos fatos narrados ao longo da obra. Perceber a cidade como personagem. Como ser onipresente, interconectando todos acontecimentos, interligando todos os demais personagens em uma grande rede, ou seria em um grande círculo?

Dois pontos parecem destacar-se no céu dessa cidade imaginária: a questão do olhar, da percepção, da apreensão desse urbano que nos compõe. Andar pela cidade, atravessar suas ruas e ao mesmo tempo deixar-se ser atravessado por elas. Uma relação que se dá em maior ou menor grau de intimidade para cada um, mas principalmente para alguns, como o *flâneur*, tal ato será mais do que simplesmente caminhar, olhar o entorno e ir em direção ao objetivo inicial de seu percurso. Será uma experiência

estética, ampliando sensações e sentidos interiores que podem culminar em uma catálise artística, misto de inspiração e criação a recriar o mundo exterior.

A outra refere-se a construção do imaginário da cidade e sua representação literária, como fator em destaque nesta pesquisa. Um olhar sobre esta cidade construída dentro do livro que representa o imaginário de um lugar, de uma gente que lhe habita, fisicamente ou em imaginação. Satolep está em nós, em seus leitores, em nossos olhos que percorrem suas páginas como se fossem ruas, e observamos suas fotos como se fossem janelas. Em seus dias (as páginas brancas) e suas noites (as páginas negras), consciente e inconsciente da cidade. Vêm-se reveladas todas elas pequenas percepções desta cidade imaginária, fragmentos diversos sob ângulos diversificados, diferentes olhares. Fotografias que também contam histórias, complementam, de algum modo, a história central do livro, de Selbor. Ele tenta nos dizer algo através de suas imagens, falas que transcendem o texto. Que transbordam do livro.

O leitor também ocupa o lugar do *flâneur* ao ler as páginas negras, principalmente. Ao captar, uma a uma, as 28 imagens dessa Satolep mítica e ao mesmo tempo apreender sensações alheias, impressões de outrem, olhares díspares de transeuntes em relação a ela. Feito um cronista a colher fragmentos do cotidiano, buscando depois construir sentidos próprios ao que fora testemunhado por ele. Assim se pode vislumbrar o leitor, como participante desta *flânerie*. Como coadjuvante na tarefa de montagem deste quebra-cabeça iconográfico. Neste jogo em que imagens e palavras se fundem e convidam o leitor a participar/jogar.

As páginas negras abrem janelas para o interior mais profundo desta cidade, abrem janelas ao leitor que atuam como *links* dentro da narrativa maior. Mas daí em diante abre-se uma nova porta, apontando para um desvio outro no trajeto, que nos levará para fora da cidade de papel, e nos conduzirá por mundos ainda desconhecidos à espera de ser percorrido por este novo olhar.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BAUDELAIRE, Charles. *Sobre modernidade: o pintor da vida moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

BENJAMIN, Walter. Paris do Segundo Império. In: *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Obras escolhidas III. São Paulo: Brasiliense, 2000.

MAFFESOLI, Michel. A terra fértil do cotidiano. *Revista Famecos*. Porto Alegre, n.36, ago./2008.p.5-9. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br>>. Acesso em: 20/07/2011.

PESAVENTO, Sandra. Um novo olhar sobre a cidade: a nova história cultural e as representações do urbano. In: MAUCH, Cláudia. Et al. (Org.). *Porto Alegre na virada do século 19: cultura e sociedade*. Porto Alegre: UFRGS, 1994.p. 126-143.

PESAVENTO, Sandra. Cidades imaginárias: literatura história e sensibilidades. *Fênix: Revista de História e Estudos Culturais*. Vol 6, ano VI, n. 1, jan./fev./mar. 2009. Disponível em: < <http://www.revistafenix.pro.br/vol18sandra.php>>. Acesso em: 11/08/2011.

RAMIL, Vitor. *A estética do frio*. Porto Alegre: Satolep, 2004.

RAMIL, Vitor. *Satolep*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

ROUANET, Sérgio Paulo. “É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nela?”. *Revista USP. Dossiê Walter Benjamin*. São Paulo, v.1, n. 15, set/out./nov. 1992. p. 49-75.